

O Mundo Líquido: o capitalismo moderno como fator causador da nova era líquido digital

Luiz Augusto Firmo Ferraz Filho¹

Resumo

Este artigo pretende, a partir da visão de Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, e ainda alguns críticos de suas obras, explicar como se formou a sociedade líquida. Sociedade esta entendida como volátil, ao avistarmos que há, explicitamente, uma troca do mundo real pelo mundo virtual.

Palavras-chave: mundo líquido, capitalismo, Bauman, mundo virtual, mundo online X off-line.

Introdução

“A vida líquida é uma vida de consumo. Projeta o mundo e todos os seus fragmentos animados e inanimados como objetos de consumo, ou seja, objetos que perdem a utilidade (e portanto o viço, a atração, o poder de sedução e o valor) enquanto são usados. Molda o julgamento e a avaliação de todos os fragmentos animados e inanimados do mundo segundo o padrão dos objetos de consumo.” (Zygmunt Bauman, *Vida Líquida*, 2008, Zahar)

É em meio dessa vida líquida que a sociedade moderna líquida irá se basear. Por que denominar o mundo em que vivemos de tal maneira? Fluido é a palavra que define portanto a explicação essencial a tudo, em sua maioria, que forma a modernidade contemporânea.

Analisando as obras de Zygmunt Bauman e críticos de suas obras, é possível enxergar a formação desse mundo onde as relações velozes se tornam cada vez menos

¹ Aluno do terceiro período do curso de Relações Internacionais da Faculdade Damas da Instrução Cristã.

profundas, acarretando cada vez mais na proposta contrária à tecnologia tão propagada pelo capitalismo moderno: a solidão.

O capitalismo, o lucro, “tempo é dinheiro”, o consumo, são expressões-chave definidoras de uma realidade por um lado sedutora, se observarmos suas propostas, sua beleza, seu objetivo. Entretanto, se observadas as consequências de tais tentações, terão seus fins contraditórios e, em alguns aspectos, perigosos para a viabilização do conceito de civilização.

Com o advento da internet, a globalização se torna não só viável, mas universal, quebrando fronteiras antes consideradas longe para se alcançar. Com a tecnologia moderna, o mundo acaba se tornando pequeno, todavia, por outro lado, menos profundo em seus conhecimentos.

A acomodação da sociedade de massa, acreditando vilmente num mundo tranquilo e sem reviravoltas e sem medos, traz uma ideologia ameaçadora e, portanto, armadilha muitas vezes em benefício das elites, além de protagonistas dessa volatilidade atemporal, os inventores.

A propósito, teria a civilização então alguma patologia consequência do capitalismo moderno? Haveria solução para essa solidão não esperada?

1. Uma sociedade Imagética

1.1 A visão dessa atual sociedade imagética

“A primeira impressão é a que conta”. Este é um ditado que perdura no coração da sociedade centenariamente para explicar a importância de uma boa postura, de um bom comportamento para a então visão das pessoas, criando a vontade de aprofundar uma relação e conhecer a pessoa. Entretanto, atualmente, tal ditado tem se tornado um pouco conturbado e se transformando da já conhecida frase para “a primeira impressão é a única que importa”.

De acordo com o site IBOPE, site autor das maiores estatísticas no mundo social atual, em notícia, apresentou o perfil da sociedade brasileira quando o assunto são as

redes sociais: mais de 77% dos brasileiros internautas já navegam com alta frequência nas consideradas redes sociais.

Observando as conversas da população brasileira e mundial, é fácil denominar o índice de assuntos mais falados. A vida das celebridades, os Reality Shows, a foto horrível que alguém coloca no Facebook, enfim, entre outros. Analisando os assuntos apresentados, pode-se questionar: onde está o “eu”? Não há uma pergunta, uma crítica, um pensamento sobre o homem próprio, o individual, apenas sobre o outro, o próximo. O esquecimento da autocrítica é o primeiro fato para analisarmos essa sociedade líquida, retomado mais profundamente à frente. Alguns ainda irão alegar que sim, fazem uma autocrítica sempre; vendo se sua foto no Instagram (rede social em que seus integrantes apenas postam fotos do que acham bonito), irá ser vista como uma bela foto, se a frase escrita no Twitter o torna mais culto diante dos outros. Resumindo, ambos os exemplos apresentados se explicam em um único aspecto: a imagem. A demonstração de uma boa imagem aos outros prevalece em cima do real conteúdo que forma a personalidade humana atualmente. Dá-se então a característica de sociedade imagética a então contemporaneidade, sociedade essa associada ao superficial, ao que se vê com os olhos e não o conteúdo, a formação em si.

A superficialidade, uma de tantas palavras chave da modernidade, transborda características explícitas e bem pontuais dessa sociedade vivente atual: a) fluidez, liquidez – se é superficial, não é concreto, é formado e desconstruído facilmente; b) veloz – como o líquido, a superficialidade não demora tempo a ser construída, portanto além de ser rapidamente moldada, é rapidamente transformada para outra, talvez e não raramente, completamente diferente da anterior; c) contra o concreto, o aprofundamento – a velocidade induz o homem a estar sempre mudando, sem tempo, não há concretização, não há formação. Vale ressaltar que tal característica, o aprofundamento em si, é ainda considerada como perda de tempo na sociedade atual, pois se pensa que com esse tempo utilizado para aprofundamentos, poderia tê-lo sido utilizado para o conhecimento – novamente superficial – de outras coisas.

Enfim, é de se perceber a falta de vontade do homem moderno de construir relacionamentos. Como mencionou Dário Souza da Silva em seu artigo *A Sociedade do Espetáculo: mídia, política e economia*, “ocorreu na contemporaneidade uma

separação entre o real e a representação, ou seja, nos tornamos uma sociedade imagética, inaugurando a possibilidade do espetáculo”. A separação do real pela representação é o causador do sentimento de artificialidade, superficialidade. Essa característica traz diversas consequências para este que não se dá conta de suas atitudes e o que vai causar a si próprio.

1.2 A liquidez, a velocidade e o contra aprofundamento

“O mundo que chamo de ‘líquido’ porque, como todos os líquidos, ele jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo.” (Zygmunt Bauman, *44 cartas do Mundo Líquido Moderno*, 2010, editora Zahar)

Tudo no nosso mundo hoje está em transformação constante, as opiniões, vontades, desejos, poderes, empregos, namorados, as modas, são essas mudanças que dão o caráter de líquido ao mundo moderno. Generalizando, em alguns termos, podemos explicar esse resultado através de alguns aspectos: a globalização, a rede constata de informações e a tecnologia. Esses três juntos permitem que o homem esteja em constante mudança.

A certeza de que o amanhã será como hoje não existe mais. A vida se torna a partir de agora uma caixa de surpresas, surpreendendo a todos a cada momento, pois não há precedentes.

Agora, ao analisarmos a tecnologia associada ao capitalismo, esta deixa de ser uma ferramenta para se construir uma vida mais cabível a essa realidade e acaba se tornando armadilha seduzível e chantagista que prevê ainda mais a velocidade, a liquidez e o não aprofundamento já mencionados. Tendo em vista que a tecnologia se renova e avança a cada dia, o capitalismo, pela primeira vez é visto nesse artigo. Utilizará dessa para humilhar e massacrar a sociedade, para adquirir sempre o novo, o mais tecnológico e necessário, ideologicamente, melhor à vida alheia.

É aí que está a problemática do capitalismo que cria uma prisão sem paredes aos membros dessa sociedade a cada dia melhor, ilusoriamente. Quem não entra em tal realidade é, portanto, deixado para trás, isolado, perde a vez de viver nesse mundo onde o essencial é aceitar a velocidade e correr contra o tempo, não dando outra

escolha ao homem que tem por necessidade viver em sociedade – como já dizia Rousseau.

Onde fica então o aprofundamento das relações, o aprofundamento intelectual, etc.? É deixado de lado, é visto com repulsa pelas massas que o consideram perda de tempo. Alguém que trabalha numa empresa durante muito tempo é considerado antiquado, necessitando mudar de empresa por haver uma necessidade de abrir os horizontes a novas oportunidades. Novamente vemos a questão da velocidade e da falta de concretização nas relações da modernidade.

É nessa sociedade rápida, fugaz, volátil que se tem a modernidade imagética necessariamente inclusa nesse mundo dominado e protagonizado pelo capitalismo moderno.

1.3 A internet como ferramenta de transformação do mundo Off-line para o mundo online

Poderíamos então comparar a velocidade do mundo atual com a velocidade presenciada no mundo online da internet?

Em décadas em que a tecnologia não era tão avançada, de fato não havia distinção entre mundo online e mundo off-line. As pessoas viviam numa realidade concreta, feita por aprofundamentos de relacionamentos, isto é, viviam no tal fora da rede.

Por outro lado, nos dias de hoje, com a internet, seus avanços e sua velocidade cada vez mais explorada, as pessoas começaram a fazer confusão – ou apenas não percebem a ocorrência desse fato – acabando transferindo esse mundo virtual para o mundo real. Um dos fatores que traz a velocidade como característica indissociável da liquidez atual é a internet e a troca de uma realidade por uma virtualidade.

Um dos verbos considerado habilidade do jovem moderno é o de surfar. Entretanto, não é mais o surfe na internet que conhecemos, onde há essa separação e distinção. O jovem – e o adulto também – acaba surfando cada vez mais em sua realidade, enfatizando ainda mais o aspecto de superficialidade. Só pode se surfar com

velocidade. Com velocidade não há tempo, se não há tempo, vê-se apenas o principal, o superficial.

Analisando esse aspecto ainda, vale ressaltar que a vida online se torna muito mais fácil com relação a constrangimentos e humilhações, isto é, a barreira contra tais ocorrências é muito mais facilmente estabelecida. Se não se quer conversar com alguém, se bloqueia, se não quer falar sobre algum assunto, exclui-se o e-mail.

A consequência dessa facilidade para evitar tais situações é o enfraquecimento dos laços, as relações se tornam mais superficiais, como tudo advindo desse mundo. O compromisso, a relação concreta, não é um dos valores das novas gerações, quanto menor o contato, mais fácil será de fugir dos embaraços. O ideal requisitado por essa nova geração é o de poder remodelar com cada vez mais facilidade sua identidade, a rede, etc. “A identidade deve ser descartável” nas palavras de Bauman, em que sabemos, quando houver problemas com essa “personalidade artificial formulada” pode-se trocar sem perda de tempo.

A sociedade imagética ainda vem para explicar outro aspecto de vislumbra para a cada vez maior artificialidade do mundo: o número no lugar do adjetivo. Atualmente um homem é considerado mais importante pelo número de contatos que tem, pelo número de pessoas com quem fala e não será reconhecido entretanto, pelas poucas, porém boas amizades que se tem. A qualidade foi totalmente trocada pela quantidade, tornando novamente o aspecto superficial como primordial para uma relação.

2. O capitalismo chantagista e ideológico

2.1 A formação da ideologia a partir da mídia

Ao analisarmos o processo histórico, é possível perceber, segundo Karl Marx, uma sucessão econômica. Isto é, os modelos econômicos vividos no passado sempre tinham seu nascimento, auge e crise. A história do capitalismo não é diferente, entretanto ainda não se sabe se esse está em sua crise ou seu auge.

Com o fim do modelo feudalista, e ainda a decadência do capitalismo primitivo mercantilista, a burguesia no século XVI a partir da Revolução Francesa (França-1789) e Revolução Industrial (Inglaterra-1828) e começa a propagar o instinto liberal

econômico – inicia-se aí o alastramento do capitalismo industrial embasado no acúmulo de excedentes e maximização de lucros, entretanto, a ideia de liberdade comercial explorada por tal ideologia econômica, era ilusória ao percebermos os desdobramentos de tais acontecimentos. A burguesia, nova elite da sociedade, com o novo modelo econômico, o capitalismo industrial, dá começo à revolução tecnológica que tem seu início como uma montanha russa e chegando ao seu auge, continua e persiste numa velocidade de queda avassaladora (como mencionou Nicolau Sevcenko em *A Corrida para o Século XXI: no Loop da Montanha Russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001). Tal velocidade seria para suprir a vontade e audácia de lucros cada vez maior (maior tecnologia, maior exploração da classe proletária cada vez com salário menor, entretanto com uma produção cada vez maior).

A mídia vem como ferramenta importantíssima na criação dessa ideologia, pois será ela quem criará o slogan de “o homem precisa da tecnologia para ter mais tempo para si próprio”. Entretanto, como se vê mais adiante, o objetivo do capitalismo não era um maior conforto para dar mais tempo livre ao cidadão, mas sim colocá-lo preso a uma necessidade de procura cada vez maior por tempo. A sociedade se torna cada vez mais rápida, necessitando de mais tempo, a tecnologia prometendo a concretização de tal necessidade e apesar da sensação de melhoria nas condições, acaba levando o homem a não sobreviver mais sem a tecnologia sempre em busca de uma mais avançada para suprir suas necessidades – que na verdade nunca serão supridas, apenas trarão uma sensação de alívio, mas na verdade, o colocando num ciclo vicioso em busca do domínio do tempo.

Em época da criação da televisão eram apenas as elites que as obtinham e essas ainda assim a consideravam como meio de entretenimento, aspecto inversamente adequado aos dias de hoje, em que uma criança, nascida, acostumada e vivendo numa bolha tecnológica, propiciada pelo capitalismo moderno diz não sobreviver sem televisão. A sensação de morte dita pelos que vivem nas novas gerações é facilmente explicada pelo fato de serem excluídos se não estiverem na velocidade do surfe da tecnologia, com os aparelhos mais tecnológicos, que criam uma sensação de movimento maior.

Temos aí a ideologia formada, o sentimento de que sem a tecnologia, não há sobrevivência. O homem começa a depender necessariamente da tecnologia e o capitalismo tem, portanto, seu objetivo mascarado por boa intenção, cumprido.

3. Consequências e soluções para o mundo moderno líquido

3.1 Isolamento, acomodação

A proposta da tecnologia sempre foi de trazer a oportunidade ao ser humano de primeiramente, se organizar melhor, ganhar tempo e conseqüentemente, poder fazer mais vezes suas vontades e o que gosta – objetivos tais já vistos como mascarados apenas para a sedução do consumidor. O sentimento de solidão na sociedade sempre foi conhecido por parte de todos. O medo de se tornar uma pessoa sozinha, sempre existiu, e o consumismo, o capitalismo em si irá utilizar esse fator ainda para acabar, ilusoriamente, com esse sentimento. A tecnologia de fato, nos trouxe a conexão, que nos liga instantaneamente com o mundo todo, todas as pessoas que gostamos e temos relações, portanto não nos sentimos mais sós. Conclusão errada, pois não se deve esquecer que a falta de contato, o olho no olho traz um enfraquecimento das relações, uma falta de conhecimento, uma profundidade que é intransferível para qualquer aspecto.

Entretanto, a mídia, como sempre através da sedução, utilizará do artifício de “nunca ficarás só” para seduzir novamente a sociedade em prol de um capitalismo egoísta e individualista. Quem adere a essa tecnologia realmente, tem seu mundo online extremamente lotado, o que não o deixa sentir só. Entretanto, quantas pessoas estarão ao lado desse que vive na bolha tecnológica? A tecnologia causa a solidão pois acaba causando ao mesmo tempo a perda de vontade – ou crença na não necessidade – de se relacionar com as pessoas através do toque, contato corporal, o que é uma problemática, pois deixa a pessoa sem saber como viver no mundo real.

A crença na não necessidade dos relacionamentos corporais é a característica explícita da acomodação. Acredita-se que está com todos ao seu lado se está

conectado, portanto o contato físico não é necessário – é a ideologia criada pelo capitalismo a partir da tecnologia, entretanto só causa o isolamento.

O mesmo sentimento de acomodação é facilmente visto naqueles que acreditam estarem protegidos pelas altas seguranças tecnológicas criadas, pois não há mais segurança total nos dias de hoje. No momento em que se vive em um mundo que não para, tem a tecnologia avançando em velocidade da luz, impulsionando o capitalismo e o excedente de lucros, novas armas contra a sociedade são criadas, e sendo elas criadas, novas formas de segurança precisam ser inventadas e, então, novas armas serão criadas e assim por diante num ciclo vicioso e muito veloz, o que não nos permite ter a sensação de segurança total num mundo como tal. A acomodação acaba sendo armadilha para os protegidos pela segurança atuante.

3.2 O Estado e a alienação social

O dever do Estado para com sua população, seus cidadãos, segundo Lênin, é o de proteção, protegê-los contra problemáticas que acarretam na instabilidade do bem estar desses. Portanto, a noção de segurança, ordem, desenvolvimento, deveria, supostamente, ser assegurada pelo Governo vigente. Entretanto, como já foi visto, essa sensação de segurança nem mesmo pelo Estado pode ser assegurada. Então o que o Estado vem fazendo para mudar a situação? Não muita coisa. Muito pelo contrário, na verdade. Utiliza de fato a situação para o interesse próprio.

Com a tecnologia, a mídia e o capitalismo, os assuntos mais falados e discutidos em meio à sociedade são também os mais fúteis e líquidos possíveis, estando de acordo portanto com a realidade em que vivem na bolha. O entretenimento e a propagação da diversão acabam sendo aproveitados e incentivados pelo Estado no sentido de que não precisarão se importar tanto com a opinião pública que estará preocupada com outros assuntos irrelevantes para eles.

Analisemos um fato conseguinte: um dos assuntos mais abrangidos como problemática os quais trazem a revolta dos cidadãos de vários países é quando a obrigação pública interna do terceiro setor, isto é, os serviços, não é cumprida. É o

único aspecto que traz conturbação à sociedade e o faz querer lutar pelos seus direitos. Como diz a frase anterior “seus direitos”. Novamente, o individualismo e o isolamento marcando como característica intrínseca à civilização moderna. Se não fosse por assuntos como esses, a sociedade estaria tranquila e sem interesse algum nas atitudes do Governo, contanto que suas necessidades fossem supridas.

A alienação, portanto, advinda desse processo ideológico capitalista moderno é o aspecto tão aproveitado pelo Estado para construir suas vontades e tendências sem estarem baseados numa opinião pública da maioria, pois essa não tem o interesse de estar opinando.

3.3 A autocrítica e a visão do “eu”

Volta-se para o entendimento da autocrítica, um dos aspectos mais importantes e que perderam com a ideologia capitalista grande parte de sua importância. A nova geração, hoje, considera-se, mesmo ilusoriamente, em estado de conexão total com todos a todo instante, portanto, não estão sozinhos. O tempo todo, nos novos tempos devem – e não podem, pois daria uma sensação de livre arbítrio a aceitação ou não da ideologia capitalista, fator este que já vimos ser o causador do sentimento de “morte social” – preocupar com a própria imagem e em estar conectados a todos em tempo integral, tornando-os escravos da tecnologia e consequentemente trazendo uma realidade de prisão sem paredes.

Como já mencionado, o tempo utilizado no “eu” é para o melhoramento do artificial, do superficial que será visto numa primeira impressão e é o que realmente importa para tais cidadãos, deixando portanto o melhoramento do profundo, do concreto, de lado.

O homem não sabe mais como melhorar seu interior, não sabe mais analisar-se profundamente. Se pedirmos para alguns se interpretarem numa peça, não o saberiam fazer, pois nem ao menos se conhecem para entender a si mesmos. O diálogo com o “eu” interior, muito necessário para entender atitudes, para entender a si próprio acaba sendo esquecido, pois não há a obrigação de tê-lo como prioridade. Entretanto, vale lembrar do sentimento de vazio portanto adquirido quando se tem por algum

motivo um momento sozinho, pois não se sabe em que pensar, no que refletir. O homem não aprendeu desde que nasceu a ter essa vontade de se entender, de se melhorar, por não haver motivos plausíveis e de interesse próprio que trouxessem um porquê de fazê-lo. A autocrítica do “eu” foi portanto esquecida.

4. Conclusão

O capitalismo, o lucro, “tempo é dinheiro”, liquidez, velocidade, não aprofundamento são algumas das palavras que definem e pontuam tal visão da realidade online em que se vive atualmente. O mundo moderno líquido virtual, portanto, é consequência sim da ideologia capitalista baseada no liberalismo econômico tão defendido pelos burgueses à época de Adam Smith e David Ricardo (grandes teóricos inventores de tal modelo econômico), modelo este que tornou o ser humano dependente da nova droga camuflada por boas intenções.

O isolamento, a alienação e a acomodação, consequências visíveis de tal maneira de viver são questionamentos que de alguma forma não podem ser esquecidos e devem levar as pessoas a uma consciência plausível para obterem resultados de transformação dessa sociedade imagética. Vai das novas gerações, através de uma autoeducação, procura e entendimento – pois como visto o Estado não propiciará melhoramento de tais aspectos se podem alienar a população resultando na vontade e interesse próprio e individual daqueles que estão no poder – obter consciência da situação de um mundo líquido e de propagar essa transformação por meio da influência em cada área específica da sociedade, para que finalmente haja, portanto, mesmo que inicialmente, o *start* a um processo de reconstrução da mentalidade social a ser propagada em meio as novas gerações.

5. BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Zygmunt. *44 Cartas do mundo líquido moderno*. Editora ZAHAR.
_____. *Medo Líquido*. Editora ZAHAR.
_____. *Amor Líquido*. Editora ZAHAR.

_____. *Vida Líquida*. Editora ZAHAR.

SEVCENKO, Nicolau. *A Corrida para o Século XXI: no Loop da Montanha Russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.